

**SAUDAÇÃO DO PAPA BENTO XVI
NO FINAL DO CONCERTO EM SUA HONRA
NO PALÁCIO PONTIFÍCIO DE CASTEL GANDOLFO**

Domingo, 2 de Agosto de 2009

Ilustre Senhor Decano Kemmer
Distintos músicos
Queridos amigos

Hoje, pela primeira vez depois de um concerto tão bonito, não pude aplaudir com vigor. Portanto, estou ainda mais feliz por poder manifestar ao Senhor Albrecht Mayer e aos músicos da *Bayerisches Kammerorchester Bad Brückenau* o agradecimento e a admiração de todos os presentes. De igual modo, agradeço ao Decano Kilian Kemmer as suas palavras de saudação, bem como a todos aqueles que organizaram e tornaram possível este concerto em Castel Gandolfo. Para nós, naturalmente, a grande fascinação desta tarde foi o som do oboé que Vossa Excelência, prezado Senhor Mayer, nos ofereceu magistralmente.

Foi comovedor observar como, de um pedaço de madeira, deste instrumento, flui todo um universo de música: o insondável e o jubiloso, o sério e o facetado, o grandioso e o humilde, o diálogo interior das melodias. Pensei: como é magnífico que num pequeno pedaço criativo se esconde tal promessa, que o mestre pode libertar. E isto significa que toda a criação está repleta de promessas e que o homem recebe o dom de folhear este livro de promessas, pelo menos por um pouco. Na minha opinião, esta tarde convida-nos não só a conservar as forças naturais que nos ajudam a fazer sobressair as energias físicas, que são uma promessa da criação, mas também a conservar as promessas mais profundas que esta música nos indicou, na vigilância do coração, que nos permite compreender também este fragmento de criação.

O programa de sala, com a descrição do concerto, introduziu-nos um pouco nas obras dos compositores. Penso que para todos nós é emocionante que estes mestres se tenham comportado como o bom pai de família do Evangelho, de quem o Senhor fala. Não tiram apenas o antigo e o novo das suas riquezas. Sob o impulso das suas tarefas, não só podem criar coisas sempre novas, mas também retomar em consideração o que é antigo, e portanto tornam-se visíveis novas potencialidades, que estavam presentes na obra precedente. Este concerto com os solos do oboé cumpriu a tarefa de expressar novas potencialidades, em que a música continua, permanece viva e renasce em cada execução, como também agora.

Vem-me ao pensamento que hoje se celebra na Igreja o dia da Porciúncula, que nos recorda a visão milagrosa de São Francisco. Na pequena igreja da Porciúncula, em Assis, ele vê o Senhor, com a sua mãe e os Anjos ao redor. O Senhor concede-lhe exprimir um desejo, e São Francisco pede para poder levar o perdão a casa. O pedido é aceite, ele regressa a casa e diz com alegria aos irmãos: amigos, o Senhor quer que todos nós estejamos no Paraíso! Hoje, penso que deveríamos transcórrer este momento como uma hora de paraíso, observar e ouvir o paraíso e a beleza incorrupta e o bem da criação. Não é uma fuga da miséria deste mundo e da quotidianidade, porque só podemos continuar a contrastar o mal e as trevas, se nós mesmos acreditarmos no bem, e só podemos acreditar no bem, se o experimentarmos e vivermos como realidade. Nesta hora, tocamos o bem e o belo com o nosso coração.

Prezados amigos, falei em língua alemã, porque os músicos e uma boa parte dos participantes são alemães. Infelizmente, depois dos acontecimentos da torre de Babel as línguas separaram-nos, criam barreiras. Mas nesta hora vimos e ouvimos que existe uma parte intacta do mundo, mesmo depois da torre e da soberba de Babel, e é a música: a língua que todos nós podemos compreender, porque toca o coração de todos nós. Isto para nós não é apenas uma garantia de que a bondade e a beleza da criação de Deus não estão destruídas, mas que nós somos chamados e capazes de trabalhar para o bem e para o belo, e são inclusive uma promessa de que o mundo futuro há-de vir, que Deus triunfa, que a beleza e a bondade vencem.

Por esta consolação, por este conforto no nosso trabalho quotidiano, estamos gratos a vós, músicos. Obrigado a todos vós, boa tarde e boa semana.